

---

2001, pp. 217-231

# *A globalização e os processos de regionalização*

*(Do Arco Atlântico ao Eixo Atlântico)*

RAUL JORGE MARQUES<sup>1</sup>

## *Resumen:*

En este artículo abordamos el fenómeno de la globalización en la perspectiva de las ventajas (potencialidades) y las desventajas (debilidades) que encierran sus dimensiones diferentes (política, cultural, social, económica y financiera), llevándose a cabo un estudio donde destacan las segundas y más específicamente las dimensiones económica y financiera. En la secuencia lógica que ya hemos utilizado en el libro *A História do Eixo Atlântico* (1999), hemos destacado las diferentes configuraciones regionales posibles e intentamos mostrar las ventajas del asociacionismo transregional y transfronterizo, que se está desarrollando desde la asociación del Eje Atlántico del Noroeste Peninsular, comparando sus pretensiones con las que surgen en la eorrorregión denominada Arco Atlántico. Por último subrayamos dos cuestiones que nos parecen importantes para profundizar en estas problemáticas regionales.

## *Summary:*

In this article we approached the phenomenon of globalization in the perspective of the advantages (potentialities) and disadvantages (weaknesses) that contain their different dimensions (politics, cultural, social, economic and financial), being carried out a study where they highlight the second, and more specifically, the economic and financial dimensions. In the logical sequence that we have already used in the book *The Atlantic's History Axis* (1999), we have highlighted the different possible regional configurations and we try to show the advantages of the transregional and transfrontier partnership that is being developed by the *Association of Atlantic's Axis of the Peninsular Northwest*, comparing their pretenses with those that arise in the «euroregion» denominated by *Atlantic's Arch*. Lastly we underline two questions that we find important to deepen in these regional problems.

---

<sup>1</sup> Geógrafo. Consultor em desenvolvimento local/rural. Investigador do *Centro de Estudos Geográficos - Área de Investigação de Geografia Regional* (CEG, Universidade de Lisboa) e do *Grupo de Estudos Cidade e Comércio GECIC - Universidade de Lisboa*. Colaborador da *Associação Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular*.  
raul.marques@mail.telepac.pt

Desde que escrevemos os capítulos 1 e 4 do livro *A História do Eixo Atlântico*<sup>2</sup> e como seria de esperar, outras questões foram surgindo, sobretudo no domínio da globalização que continua a despertar um pouco por todo o lado grandes amores e desamores.

Assim, este artigo<sup>3</sup> vai também introduzir novos aspectos e centrar-se em dois grandes tópicos:

- **Globalização e mudança;**
- **Associativismo *transregional* e competitividade.**

## **Globalização e mudança**

Gerador de paixões e de ódios, de posturas mais cosmopolitas ou fundamentalistas, de mais ou menos cepticismo, o conceito de globalização ainda se revela instável e segundo Waters<sup>4</sup> só em 1961 teve a sua primeira definição no grande dicionário *Webster*, entrando em 1985 nos círculos académicos pela porta da sociologia e pela mão de Robertson que o incluiu no título de um dos seus artigos<sup>5</sup>.

No entanto, desde meados dos anos 90 que se tornou num tema de debate obrigatório nos grandes areópagos internacionais<sup>6</sup>, sendo cada vez mais comentado nos *mass media* e estando-lhe subjacente diferentes **dimensões**: *globalização económica, financeira, política, cultural, científica, tecnológica, ambiental, dos direitos, das emoções, da insegurança* (atentados, criminalidade<sup>7</sup>, guerras, vandalismo, etc.).

Conceito de alguma forma relacionado com a tese de que *agora vivemos todos num único mundo*, parece não restarem muitas dúvidas que a globalização apesar

<sup>2</sup> MARQUES, Raul Jorge (Coord.); SOUTO GONZÁLEZ, Xosé Manuel (1999). «A vontade política de crear un espacio europeo» e «A organização política do território», *História do Eixo Atlântico*, Vigo, Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, 272 p., pp. 10-71 e 199-272, DP VG 727-1999.

<sup>3</sup> Elaborado para a Comunicação proferida nas Jornadas do Eixo Atlântico realizadas na Faculdade de Humanidades da Universidade de Vigo - Campus de Ourense, 27 de Outubro de 2000.

<sup>4</sup> WATERS, Malcolm (1999). *Globalização*, Oeiras, Celta Editora, 170 p., ISBN 972-8027-60-5 (tr. do inglês por Magnólia Costa e Ana Rocha, *Globalization*, London, Routledge, 1995, 185 p, ISBN 0-415-10575-7).

<sup>5</sup> ROBERTSON, R. (1985). «The Relativizations of Societies: Modern Religion and Globalization», em T. Robbins, W. Shepherd e J. McBride (orgs.), *Cults, Culture and the Law*, Chicago, Scholars (citado por Waters, 1999:2).

<sup>6</sup> Como por exemplo o encontro (*brain-trust global*) promovido por Mikhail Gorbachev em finais de Setembro de 1995 no Hotel Fairmont (São Francisco) e que reuniu importantes personagens da "cena" mundial: políticos (George Bush, George Schultz, Margaret Thatcher, Zbigniew Brzezinski - Conselheiro da Segurança Nacional do Governo de Jimmy Carter, etc.); líderes económicos (Ted Turner, patrão da CNN; Washington SyCip, magnata dos negócios da Ásia do Sul; David Packard, co-fundador da Hewlett Packard; John Gage, quadro dirigente da empresa informática norte americana Sun Microsystems, etc.); cientistas (professor Rustum Roy, da Pennsylvania State University, etc.) – em MARTIN, Hans-Peter; SCHUMANN, Harald (1999). *A Armadilha da Globalização. O Assalto à Democracia e ao Bem-estar Social*, 2ª edição, Lisboa, Terramar, 259 p., pp. 81-10 ISBN 972-710-213-1 (tr. do alemão por Francisco Rodrigues, *Die Globalisierungsfalle*, Hamburgo, Rowohlt Verlag, 1996).

<sup>7</sup> Particularmente importante nos Estados Unidos onde já assumiu proporções endémicas. No Estado da Califórnia, que por si só constitui a sétima potência económica mundial, as despesas provocadas pelas prisões ultrapassam o orçamento total da educação (Financial Times, 30 Abril 1996). Cerca de 28 milhões de norte-americanos, mais de 10% da totalidade da população, vivem já entrancheirados em edifícios ou em bairros protegidos por guardas armados. Os cidadãos norte-americanos gastam duas vezes mais dinheiro para os remunerarem do que o Estado gasta com a polícia – segundo os inquéritos de Timothy EGAN, "Many Seek Security in Private Communities", in *New York Times*, 3 de Setembro de 1995; Lester THURLOW, *The Future of capitalism*, Nova Iorque, 1996 (adaptado de Martin e Schumann, 1999:15).

de comandada pela Europa Ocidental (Alemanha) e fortemente influenciado pelos Estados Unidos, dois dos vértices da «triade» a que se junta o Japão, não deixa de incorporar influências de diversos países e em vertentes menos consideradas como as dos hábitos, usos e costumes. Atente-se nos seguintes exemplos:

- **alimentação** – a par da *fast food* surge a comida chinesa, indiana, mexicana, angolana, cabo-verdiana, etc.;
- **vestuário/moda** – em algumas faixas etárias é uma amálgama de elementos provenientes de diferentes culturas (adornos de Machu-Picchu e do Mali; vestuário com motivos da China, do Quênia e do Bali, etc.);
- **música** – incorpora cada vez mais ritmos africanos, da América do Sul e asiáticos;
- **televisão** – aumenta a importância de telenovelas brasileiras e mexicanas.

Obviamente que perante um fenómeno desta natureza não é difícil tomarmos partido por um dos lados da “barricada”, tais são os “pontos fortes” (potencialidades/vantagens) e os “pontos fracos” (debilidades/desvantagens) que podem ser esgrimidos para salientar as suas «vicissitudes» ou os seus «malefícios». Uma confrontação de algumas opiniões, por vezes muito pessimistas, poderá ser um ponto de partida para mais uma reflexão (quadros I e II).

### Quadro I.

Potencialidades vs debilidades (dimensão política-cultura-social)

POTENCIALIDADES
<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Alterações no campo dos direitos (p. ex. mulheres, homossexuais, toxicodependentes).</li> <li>■ Expansão da democracia<sup>8</sup>.</li> <li>■ Novas pressões para a concessão de autonomias locais.</li> <li>■ “Influências” culturais por parte de países não ocidentais (alimentação, música, moda, vestuário, artesanato).</li> <li>■ Transformação da <i>worldwide web</i> no mais moderno instrumento da «sociedade da informação».</li> <li>■ Desenvolvimento da equidade através da possibilidade de acesso a diferentes hábitos, costumes, imagens, consumos e comportamentos.</li> </ul>
DEBILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Crescente perda de soberania dos Estados-nação.</li> <li>■ Crescente perda de capacidade dos políticos para influenciarem nos seus países os acontecimentos.</li> <li>■ Florescimento de nacionalismos como resposta às tendências globalizantes.</li> <li>■ Destruição dos sistemas de segurança social para diminuir os gastos públicos.</li> <li>■ <i>Americanização</i> social através da imposição de símbolos como a Coca-Cola, o Mc Donald’s ou a CNN.</li> <li>■ <i>Tittytainment</i> (mistura de divertimento estupidificante e de alimentação suficiente que no futuro irá permitir manter de bom humor a população frustrada do planeta)<sup>9</sup>.</li> </ul>

<sup>8</sup> Desde meados dos anos 70 que o número de democracias mais do que duplicou. A democracia espalhou-se para mais de trinta países e estas mudanças começaram nos países da Europa do Sul, com a queda dos regimes ditatoriais da Grécia, Espanha e Portugal. O segundo grupo de países para onde a democracia se expandiu, desta vez com predominio na década de 80, pertence às Américas Central e do Sul. Uns doze países criaram ou recriaram governos democráticos, entre eles o Brasil e a Argentina. Na Ásia a democratização tem vindo a ganhar terreno desde o princípio dos anos 70, em países como a Coreia do Sul, Taiwan, Filipinas, Bangladesh, Tailândia e Mongólia. A Índia tem-se mantido como Estado democrático desde a independência, em 1947 (adaptado de Giddens, 2000:71).

<sup>9</sup> Conceito criado por Zbigniew Brzezinski e que resulta da combinação de *entertainment* e *tits* – seios na óptica do leite que escorre para alimentar (em Martín e Schumann, 1999:10).

## Quadro II.

### Potencialidades vs debilidades (dimensão económica-financeira)

#### POTENCIALIDADES

- Crescimento e diversificação do comércio externo (maior gama de bens e serviços).
- Desenvolvimento da economia electrónica global (o dinheiro electrónico não tem paralelo com épocas anteriores).
- Desenvolvimento do consumo.
- Expansão do mercado que começa a ser (já é?) indiferente às fronteiras nacionais.
- Expansão dos mercados financeiros globais (movimentam mais de um trilião de dólares por dia – Giddens, 2000:22).

#### DEBILIDADES

- Novas incertezas relacionadas com a economia electrónica global.
- Falta de relevância do comércio externo no rendimento nacional da maioria dos países.
- Parte significativa das trocas económicas efectua-se ainda entre regiões, não implicando a existência de um verdadeiro sistema de comércio a nível mundial.
- A maior parte dos blocos económicos efectua trocas comerciais entre os seus Estados-membros (países da UE, da Ásia-Pacífico ou da América do Norte).
- Contribui para a “*criação de um mundo de vencedores e vencidos, minorias que enriquecem rapidamente e maiorias condenadas a uma vida de miséria e desespero*” (Giddens, 2000:26).
- Permite o aumento da *pilhagem global* (algumas empresas transnacionais vendem aos países menos desenvolvidos produtos sujeitos a restrições ou banidos dos países industrializados<sup>10</sup>).
- Promove a emergência da *sociedade dos dois décimos*<sup>11</sup> que irá recorrer ao *tittytainment* para que os excluídos/desempregados permaneçam tranquilos (Martin e Schumann, 1999:11).
- Está a criar para a indústria um futuro semelhante ao da agricultura (apenas uma ínfima percentagem da população irá buscar os seus rendimentos à produção de mercadorias<sup>12</sup>).
- Promove a concorrência global exacerbada, inclusivamente no mercado de trabalho (cada vez mais as empresas com sede nos países desenvolvidos criam apenas postos de trabalho nos países estrangeiros com mão-de-obra mais barata).
- Permite que as empresas dos países da tríade repartam entre si o resto do mundo (as nipónicas escolhem o Sueste Asiático, as norte-americanas a América Latina e as europeias a África, enquanto o Médio Oriente se transforma num espaço de disputa).
- Estamos perante um novo percurso do capitalismo que travestido de «globalismo»/«turbocapitalismo»<sup>13</sup> se aproxima da previsão efectuada por Karl Marx em 1865<sup>14</sup>.

## Várias configurações possíveis

Desde os anos 80 que a *ciência regional* tem vindo a introduzir um novo conjunto de conceitos/configurações que pretendem “*descrever um mundo em movimento acelerado*” (Benko, 1999: 122)<sup>15</sup>: economia de arquipélago (Veltz, 1996), Estados-região (Ohmae, 1996), regiões ganhadoras (Benko e Lipietz, 1992), regiões perdedoras

<sup>10</sup> Fármacos de baixa qualidade, pesticidas destrutivos ou cigarros com elevados teores de alcatrão e nicotina.

<sup>11</sup> Segundo o magnata Washington SyCip (1995) no século XXI bastarão dois décimos da população activa para manter a actividade da economia mundial, estimando-se assim que 80% das pessoas que pretendem trabalhar não encontrem emprego (em Martin e Schuman, 1999:10).

<sup>12</sup> Segundo Herbert HENZLER, director da filial alemã da empresa de consultoria McKinsey (em Martin e Schuman, 1999:11).

<sup>13</sup> Conceito enunciado em 1995 pelo economista americano Edward Luttwak (em Martin e Schuman, 1999:15).

<sup>14</sup> *A tendência geral da produção capitalista não é elevar, mas sim baixar o nível médio dos salários [ou diminuir o valor do trabalho até ao seu limite mínimo]* – em Karl Marx, *Oeuvres, Economie I, Bibliothèque de la Pléiade*, Gallimard, 1965, p. 533 (referido por Martin e Schuman, 1999:14).

<sup>15</sup> BENKO, Georges (1999). *A Ciência Regional*, Oeiras, Celta Editora, 160 p., ISBN 972-774-052-9 (tr. do francês por António Gonçalves, *La Science régionale*, Paris, Presses Universitaires de France, 1998).

(Côté, Kleine e Proulx, 1992). Alain Lipietz, numa tentativa de compreender a macro-geografia do sistema-mundo, propõe também o “planeta do pós-fordismo”:

- “um mundo desenvolvido, organizado em três blocos continentais, respectivamente dirigidos pelos Estados Unidos, a Alemanha e o Japão;
- uma periferia última tornada inútil para as forças económicas dominantes (os mundos andino e africano, o interior da Índia e da China);
- entre o «Império» e os «Bárbaros» (parafrazeando a obra *L'Empire et les Nouveaux Barbares*, de J.-C. Rufin) destacam-se contudo potências intermédias «emergentes», cujo sonho é agregarem-se ao Império, «tornarem-se cidadãos romanos», ou seja, membros da OCDE” (Benko, 1999:135-136).

Em *A História do Eixo Atlântico* tentámos empreender um esboço que não anda muito longe desta visão (fig. 1, pág. 36), apesar de termos salvaguardado que pode ter subjacente enfiamentos introduzidos pela metodologia adoptada (classificação atribuída a cada país e obtida de acordo com cinco diferentes critérios)<sup>16</sup> e/ou pelas variáveis seleccionadas (dimensões económica, política, cultural e social)<sup>17</sup>.

Obviamente que poderíamos ter recorrido a um tratamento mais complexo<sup>18</sup> e que por ventura acabaria por conduzir a outros contornos. Todavia, pretendemos através de um procedimento simples chegar a um desenho possível e como seria de esperar diferente da análise dos indicadores desagregados. As figuras I a V mostram alguns destes exemplos acompanhados dos respectivos comentários.

**Figura I.**

Localização das 50 maiores empresas multinacionais - 1990



MÉDIA=7.1, P.A.D.R. = 7.5

FONTE: David EITEMAN et al., 1992

<sup>16</sup> 1º. ordenação dos valores por ordem decrescente da sua importância, 2º. atribuição de uma pontuação cujo valor máximo corresponde à situação considerada mais favorável, 3º. repetição da pontuação sempre que existem iguais valores, 4º. somatório dos pontos obtidos em todos os indicadores por cada um dos países, 5º. divisão em classes com base na média e um desvio padrão.

<sup>17</sup> Consumo de energia per capita, localização da sede das 50 principais multinacionais, localização da sede dos 50 maiores bancos do mundo, número de cientistas e técnicos por 1000 hab., performance económica, saldo das trocas comerciais entre o «resto do mundo» e os países industrializados, despesa com a defesa em % do PIB/PNB, taxa de forças armadas, número de jornais por 100 habitantes, número de televisores por 100 habitantes, volume de turistas, consumo de calorias, índice de desenvolvimento humano, número de automóveis em circulação, população por médico, taxa de mortalidade, de mortalidade infantil e de natalidade.

<sup>18</sup> Por exemplo análise factorial por correspondências múltiplas, existindo para o efeito um excelente software (SPAD - *Système Portable pour L'Analyse des Données*, CESIA).

Apenas **7 países:**

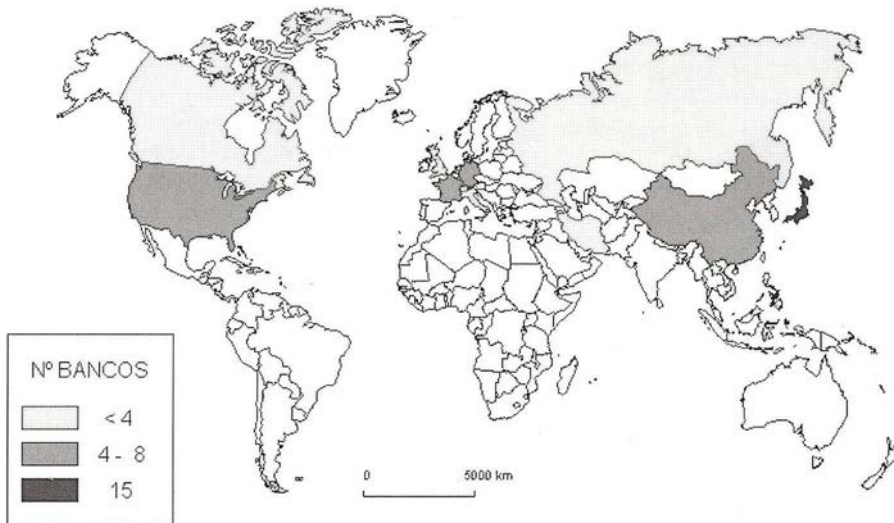
- **Japão** (21 -6 nas 10 primeiras- Sumitomo Corp., C Ittoh & Co., Mitsui & Co., Marubeni Corp., Mitsubishi Corp.);
- **Estados Unidos** (16 -3 nas 10 primeiras- General Motors, Ford Motor, Exxon);
- **Alemanha** (6 -1ª em 22 lugar- Daimler-Benz Group);
- **Holanda** (3 -1ª em 10ª lugar- Royal Dutch/Shell);
- **Reino Unido** (2 -1ª em 17º lugar- British Petroleum Co.);
- **Itália** (1 -26º lugar- Fiat Group); Suíça (1 -38º lugar- Nestlé).

Apenas **12 países:**

- **Japão** (15 -6 nas 10 primeiras- Dai-Ichi Kangyo Bank, The Sakura Bank, Sanwa Bank, Fuji Bank, The Norinchukin Bank, The Industrial Bank of Japan);
- **França** (6 -2 nos 10 primeiros- Credit Agricole Mutuel, Caisse Nationale de Credit Agricole);

**Figura II.**

Localização dos 50 maiores bancos do mundo - 1992



MÉDIA=4.2; D. PADRÃO=3.7

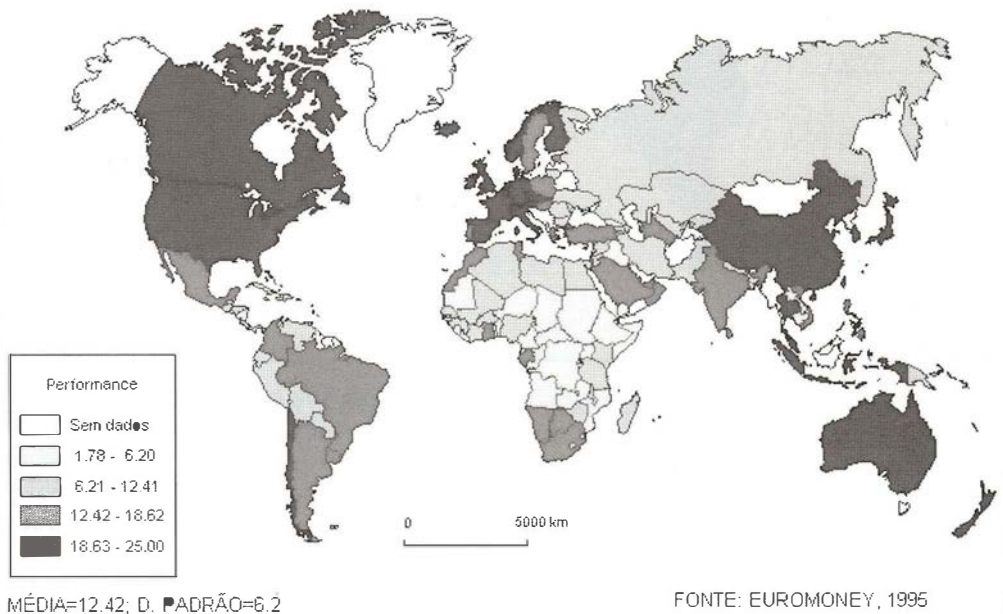
FONTE: POLK WORLD BANKING PROFILE, 1993



- **Estados Unidos** (6 -1º em 18º lugar- Citicorp and Subsidiaries);
- **Alemanha** (6 -1º em 20 lugar- Deutsche Bank Ag);
- **China** (4 -1º em 25 lugar- Bank of China)
- **Reino Unido** (3 -1º em 9º lugar- Barclays Banc PLC);
- Canadá, Holanda, Itália e Suíça (2);
- Irão e Federação Russa (1).

**Figura III.**<sup>19</sup>

Performance económica - 1995

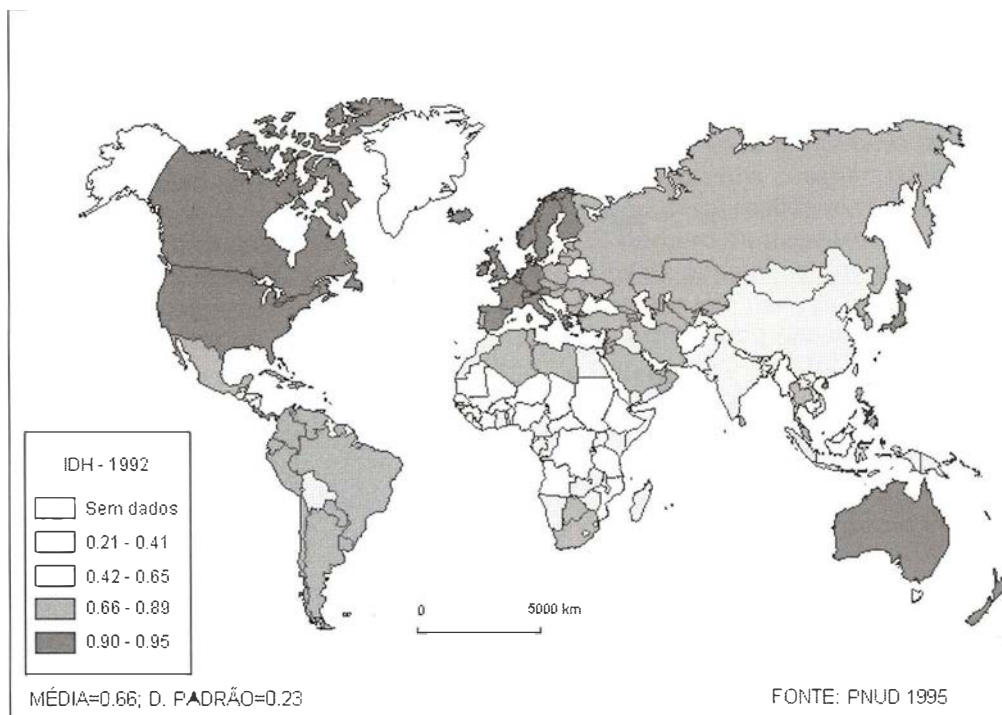


- 55.7% dos países tinham valores inferiores à média (12.4%).
- Menor *performance* na Coreia do Norte (1.8%) e maior em Singapura (25%).
- Os 15 primeiros países tinham valores compreendidos entre 21.5 – 25%: Singapura, Luxemburgo, Holanda, Suíça, Taiwan, Coreia do Sul, Estados Unidos, Malásia, Dinamarca, França, Noruega, Japão, Reino Unido, Alemanha e Áustria.

<sup>19</sup> A **performance económica** varia de 0 a 25% e é um índice que faz parte do *Country Risk Ranking* publicado pela Euromoney.

**Figura IV.<sup>20</sup>**

Índice de desenvolvimento humano - 1992



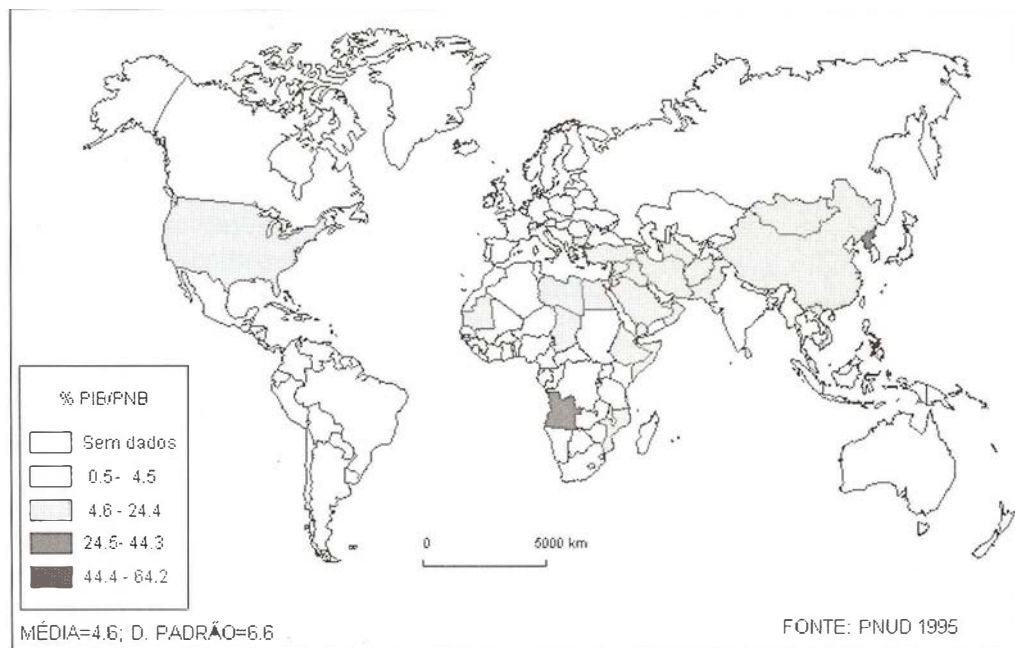
- 43.2% dos países estavam abaixo do valor médio (0.66), localizando-se maioritariamente no continente africano.
- Os valores mais elevados verificavam-se no Canadá (0.95), Estados Unidos (0.94) e Japão (0.94), enquanto o valor mínimo ocorria no Níger (0.21).
- A despesa com a defesa parece contrária à perspectiva da «desterritorialização», verificando-se que os conflitos fronteiriços, as guerras ou a excessiva militarização dos países influenciam claramente este investimento.
- O valor máximo verificava-se no Kuwait (62.4%), seguindo-se Angola (28.4%), Coreia do Norte (25.7%) e Iraque (21.1%).
- Os valores mínimos surgiam na Serra Leoa e na Ilha Maurícia (0.4%).
- Os Estados Unidos gastavam apenas 5.3%.

<sup>20</sup> Se atendermos aos *Indicadores de Desenvolvimento Humano para 2000* detectam-se algumas alterações referentes a 1998: o Canadá passou para 0.935, a Noruega está em segundo lugar com 0.934 e os Estados Unidos em terceiro com 0.929. O Japão passou para 9º lugar. Em último lugar (174) surge a Serra Leoa com 0.252, encontrando-se o Níger em 173º com 0.293.



**Figura V.**

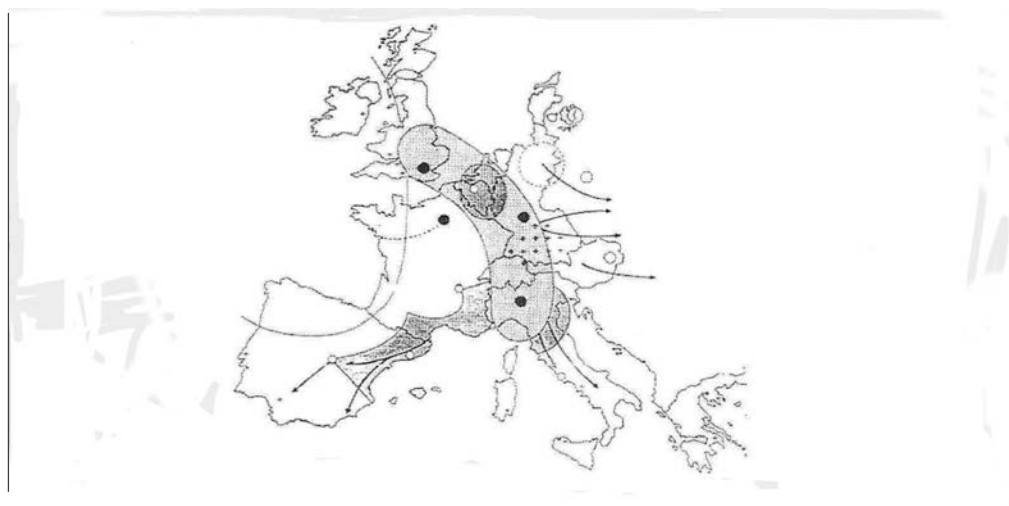
Despesas de defesa (% PIB / PNB) - 1992



Também o «condomínio europeu» tem sido alvo de diferentes configurações regionais: *banana azul* (RECLUS, 1989), *house with seven apartments* (Lutzky, 1990), *green grape* (Kunzmann & Wegener, 1991), *blue star* (IAURIF, 1991). Em todas elas o noroeste peninsular reflecte o seu carácter de *euoregião* periférica (figuras VI a IX).

**Figura VI.**

Banana azul (RECLUS, 1989)



**Figura VII.**

Casa com sete apartamentos (Lutzky, 1990)



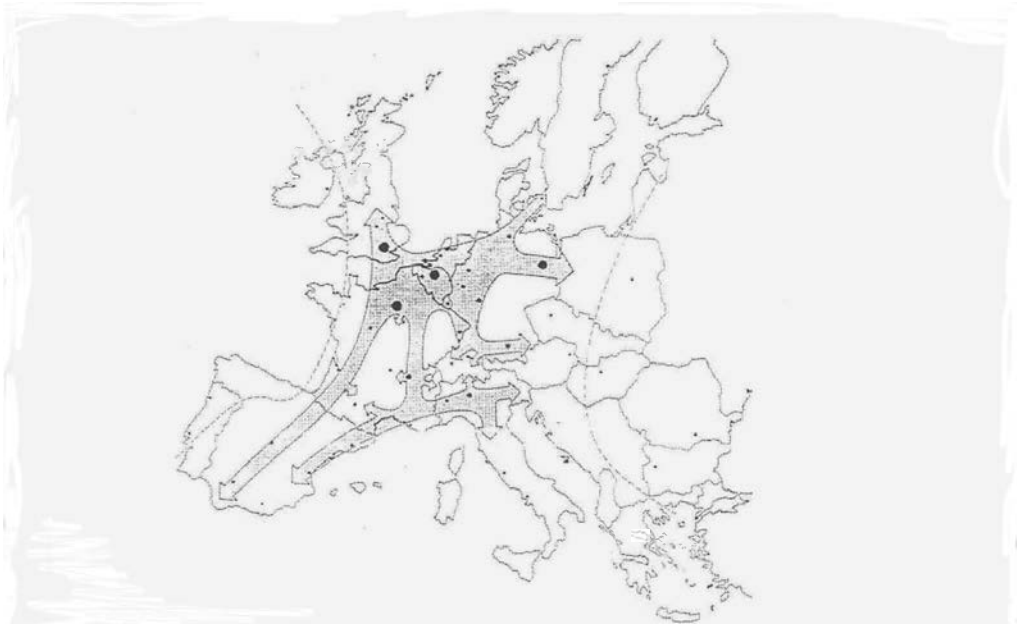
**Figura VIII.**

Cacho de uvas (Kunzmann & Wegener, 1991)



**Figura IX.**

Estrela azul (IAURIF, 1991)



### ***Associativismo transregional e competitividade***

Uma das virtualidade do Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, **associação transfronteiriça** de cidades geograficamente próximas entre si mas afastadas dos principais centros de decisão “nacionais” e europeus, é a possibilidade dos autarcas implicados promoverem uma cooperação que valorize o princípio da subsidiariedade e imporem no contexto europeu uma **«região promissora»**, quiçá no futuro uma «região ganhadora», configurada com base numa estratégia de desenvolvimento comum ao nível económico, sociopolítico e sociocultural, em que algumas das acções a privilegiar já foram referidas no capítulo 4 de *A História do Eixo Atlântico* e que voltamos a relembrar:

- **dimensão económica** – infra-estruturas básicas, agricultura e pecuária; melhoria das acessibilidades; expansão dos pólos/áreas de atracção existentes com vista a induzir a valorização da indústria, facilitar o estabelecimento de *nichos de mercado*, promover a implementação de *ninhos de empresas* e valorizar os territórios em causa recorrendo para o efeito a adequadas estratégias de *marketing* territorial;
- **dimensões sociopolítica/sociocultural** – promover o desenvolvimento local, atendendo para o efeito a um conjunto de aspectos que consideramos

indispensáveis, nomeadamente, criação de espaços verdes urbanos e de estruturas de lazer e recreio; implementação de estruturas de apoio às franjas mais desfavorecidas da população; concretização de redes de abastecimento de água em espaço rural; construção de estruturas para tratamento de resíduos sólidos; reforço das redes de distribuição de energia; recuperação, preservação e valorização do património construído; definição de normas de controlo ambiental, etc.

No entanto, perante o actual processo de globalização, a valorização destes territórios “semi-periféricos” deverá ter em linha de conta a promoção dos seus traços distintivos e apelar à componente da cultura, às raízes locais e ao envolvimento dos cidadãos. Também numa óptica de competitividade global, a afirmação na União Europeia poderá passar (já está?) por uma desvalorização dos limites fronteiriços por forma a encontrar uma adequada escala de intervenção regional, tanto mais que estamos perante uma concertação estratégica entre centros urbanos que se pretendem afirmar à escala europeia.

Assim, o «associativismo territorial» poderá ser uma das respostas que já tem demonstrações de boa prática no que concerne à cooperação, por exemplo no âmbito do Programa INTERREG ou do Programa de Iniciativa Comunitária LEADER, configurando-se o *Pacto do Eixo Atlântico* como um potencial motor de aproximação, que em termos regionais não é tão multifacetado como o *Arco Atlântico*. Igualmente importante é que esta aproximação se faça numa lógica de desenvolvimento do tipo *bottom up* (baixo para cima), por forma a envolver o maior número de actores locais possível, sendo na nossa perspectiva aconselhável evitar a clássica fórmula centralista do tipo *top down* (cima para baixo), normalmente um obstáculo a qualquer reunião de vontades.

### ***Mas existirão especificidades que justifiquem individualizar o Eixo Atlântico do Arco Atlântico?***

Em termos temporais, apenas três anos separam o nascimento das duas «associações transregionais»<sup>21</sup>. Se atendêssemos apenas ao ditado popular de que a «união faz a força», provavelmente a maior dimensão de «cooperadores» que fazem parte do *Arco Atlântico* influenciaria a nossa opinião.

No entanto, apesar de reconhecermos toda a pertinência à cooperação multilateral desenvolvida no âmbito da *Comissão do Arco Atlântico* e às principais temáticas sobre que se debruça (ambiente, turismo, desenvolvimento empresarial, investigação e transferência de tecnologia, pesca e aquacultura, transportes nas vertentes rodoviária, ferroviária, marítima e aérea), consideramos que subsistir no «Super Estado» correspondente à actual União Europeia implica uma concertação estratégica mais estreita e homogénea.

<sup>21</sup> A *Comissão do Arco Atlântico* foi criada em 13 de Outubro de 1989 e o *Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular* em 1 de Abril de 1992.

Nesta perspectiva, julgamos que o *Pacto do Eixo Atlântico* ao reunir duas «regiões» com um perfil particular no quadro ibérico e europeu (tectónica, clima, geomorfologia, fitogeografia, actividades marítimas, agrícolas e pecuárias, tipo de povoamento, língua, etc.) poderá ser ainda mais potenciado, pois um dos seus principais pontos fortes é tecnicamente algo que nem sempre se valoriza: o «**parentesco**» existente, traço familiar que forçosamente se terá de sobrepor à diversidade regional que ocorre no seio do *Arco Atlântico*<sup>22</sup>, onde numa escala mais modesta há igualmente desigualdades de desenvolvimento.

Obviamente que não esquecemos o enquadramento do *Arco Atlântico* no INTERREG, nomeadamente num sector fulcral para resolver debilidades evidentes como é o caso dos transportes e comunicações (melhorar conexões entre portos, redes ferroviárias e ligações aéreas), nem tão pouco a semelhança das preocupações ao nível do (re)lançamento *eurometropolitano*:

- **combater o afastamento em relação ao Centro;**
- **criar um *lobbying* para fazer valer interesses comuns;**
- **implementar acessibilidades para otimizar o sistema de trocas intercomunitárias;**
- **promover as potencialidades inerentes à litoralização (pesca e turismo).**

Todavia, pensamos que as grandes linhas orientadoras de afirmação *eurometropolitana* preconizadas pelo *Pacto do Eixo Atlântico* (quadro III) poderão ser mais facilmente alcançadas numa escala menos competitiva.

### Quadro III.

#### Pacto do Eixo Atlântico

##### LINHAS ORIENTADORAS DE AFIRMAÇÃO REGIONAL

- Elaborar programas conjuntos nos domínios do comércio, portos e aeroportos; infra-estruturas viárias; parques tecnológicos, industriais e I+D; património e meio ambiente; bem-estar social, cultura, juventude, mulher, educação e desportos.
- Reforçar a identidade regional.
- Promover a cultura (literatura e pintura) e o desporto (II Jogos do Eixo Atlântico, I Torneio de Futebol Profissional do Eixo Atlântico e I Volta do Eixo Atlântico em Bicicleta).
- Promover o tecido económico (comércio, indústria e turismo).
- Promover a competitividade empresarial (redes de telecomunicações, estratégias conjuntas de transportes de mercadorias,...).
- Promover programas e projectos conjuntos (transportes e comunicações; novas tecnologias; saneamento, resíduos e meio ambiente; qualidade ambiental e saúde pública e comunitária; recuperação do património histórico e arquitectónico).

Não há dúvida que mediante estas intenções e se existir uma efectiva colaboração que permita alcançar os objectivos pretendidos, podemos ficar perante um «**grupo forte**» que mais facilmente fará face à concorrência imposta pela dinâmica transnacional, afirmando o noroeste peninsular no contexto ibérico e europeu.

<sup>22</sup> Em 1989 reuniu 23 regiões de 5 países unidos pela periferidade (uma da Irlanda, sete do Reino Unido, cinco de França, de Espanha e de Portugal).

É evidente que não advogamos separações, apesar de operacionalmente os «combates» em várias frentes serem desgastantes, mas consideramos que há mais vantagens comparativas em pensar o noroeste peninsular na sua especificidade *euromediterrânica*, pois no quadro do *Arco Atlântico* os diferentes patamares de desenvolvimento acabam por criar mais dificuldades no domínio da definição de estratégias e da gestão de interesses, sobretudo quando o noroeste peninsular apresenta uma situação menos favorável, apesar de existir também uma desigualdade entre as duas regiões do *Eixo Atlântico*.

## Considerações finais

Por fim queremos deixar no ar duas questões que nos parecem importantes para o aprofundamento destas problemáticas regionais:

- **será a globalização uma força promotora do bem geral?**<sup>23</sup>
- **será o «associativismo transregional» um factor de inclusão de novas configurações regionais nos actuais «condomínios mundial e europeu»?**

No que concerne à primeira questão poder-se-á afirmar que normalmente quem vê a globalização como um motor do aprofundamento das desigualdades entre países, está apenas a pensar na sua dimensão *económico-financeira*, pois também é possível encontrar neste fenómeno «virtualidades» que estimulam a equidade sob os pontos de vista cultural, político e social.

Obviamente que admitimos que existem riscos de dependência para as regiões periféricas, até mesmo de carácter sociocultural, mas temos dificuldade em aceitar que estas sejam simples «marionetas» dos países da «triade», pois acabam também por influenciar noutras dimensões. Dirão que menos importantes. É possível. O tempo encarregar-se-á de o demonstrar.

Quanto à segunda questão, julgamos que tudo depende do empenho dos actores envolvidos. No caso do *Eixo Atlântico* temos um *Pacto* com objectivos bem definidos, a análise da sua concretização poderá revelar se estão a ser suficientemente fortes para transformarem o noroeste peninsular numa *euromediterrânica* competitiva.

Estas duas questões poderão funcionar como propostas de investigação. Esperamos que as nossas dúvidas Vos levistem também algumas interrogações!

---

<sup>23</sup> GIDDENS, Anthony (2000). *O mundo na era da globalização*. Lisboa, Editorial Presença, 91 p., p. 27, ISBN 972-23-2573-6 (tr. do inglês por Saul Barata, Runaway World, 1999).



## Bibliografia

- APUD MALCOLN WATERS, op. cit., ROBERTSON, R. (1985). *The relativizations of societies: Modern Religion and Globalization*, em T. Robbins, W. Shepperd e J. McBride (orgs.), *Cults, Culture and the Law*, Chicago, Scholars.
- Apud Hans-Peter Martin; Harold Schumann, op. cit., Marx, Karl (1965). *Oeuvres, Economie I*, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard.
- BENKO, Georges (1999). *A Ciência Regional*, Oeiras, Celta Editora, 160 p., ISBN 972-774-052-9 (tr. do francês por António Gonçalves, *La Science régionale*, Paris, Presses Universitaires de France, 1998)
- Euromoney (1995). *Soft landing or recession?*, London, Euromoney Publications PLC, September 1995, pp. 306-311.
- GIDDENS, Anthony (2000). *O mundo na era da globalização*, Lisboa, Editorial Presença, 91 p., p. 27, ISBN 972-23-2573-6 (tr. do inglês por Saul Barata, *Runaway World*, 1999)
- MARQUES, Raul (Coord.); SOUTO GONZÁLEZ, Xosé Manuel (1999). «A vontade política de crear un espacio europeo», *História do Eixo Atlântico*, Vigo, Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, 272 p., DP VG 727-1999
- MARQUES, Raul (Coord.); CIDRAIS, Álvaro; SOUTO GONZÁLEZ, Xosé Manuel (1999). «A organização política do território», *História do Eixo Atlântico*, Vigo, Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, 272 p., DP VG 727-1999
- MARTIN, HANS - Peter; SCHUMANN, Harald (1999). *A Armadilha da Globalização. O Assalto à Democracia e ao Bem-estar Social*, 2ª edição, Lisboa, Terramar, 259 p., ISBN 972-710-213-1 (tr. do alemão por Francisco Rodrigues, *Die Globalisierungsfalle*, Hamburgo, Rowohlt Verlag, 1996)
- WATERS, Malcolm (1999). *Globalização*, Oeiras, Celta Editora, 170 p., ISBN 972-8027-60-5 (tr. do inglês por Magnólia Costa e Ana Rocha, *Globalization*, London, Routledge, 1995, 185 p, ISBN 0-415